Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060
DOSSIÊ TEMÁTICO - Os 50 Anos da Revolução de Abril: laços culturais Portugal-Brasil-África e ensino de Literaturas no Brasil
ARTIGO

METÁFORA INTERTEXTUAL NO ATLÂNTICO:

Uma análise de personagens subalternizados de Manoel de Barros E Mia Couto

INTERTEXTUAL METAPHOR IN ATLÂNTICO:

An analysis of subalternized characters between manoel de barros and mia couto

Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO
Submissão do trabalho: 29/06/2025
Aprovação do trabalho: 22/8/2026
Publicação do trabalho: 19/10/2026

Rosidelma Pereira Fraga
rosidelmapoeta@yahoo.com.br
Universidade Federal de Goiás

COMO CITAR
PEREIRA FRAGA, Rosidelma. METÁFORA INTERTEXTUAL NO ATLÂNTICO: Uma análise de personagens subalternizados de Manoel de Barros E Mia Couto. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 54–65, 2026. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/943.

Resumo

Neste artigo busca-se revisitar a poesia de Manoel de Barros, objeto de doutorado, mas com o propósito de uma nova leitura comparada proposta pelo grupo de pesquisa *Africanidades, literatura e minorias sociais,* o qual objetiva realizar uma aproximação das figuras de minorias sociais construídas pelo narrador autodiegético, do moçambicano Mia Couto (2009), e do andarilho que emerge na figura de Bernardo da Mata, criado por Manoel de Barros (1985-2004), a partir do conceito de subalternidade de Spivak (2010). As figuras minoritárias aparecem absorvidas pelo próprio sujeito lírico e pela imagem poética do isolamento e das diferenças entre os sujeitos negros e brancos e mendigos, andarilhos e outros sujeitos que destoariam do contexto de minorias. Ao pensar nesses personagens lírico-narrativos, defende-se uma efusão de poética existencialista, tanto nos fios discursivos no conto "O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial" da obra *O fio das missangas,* como nos fios entrelaçados em vários textos manoelinos, por exemplo, em *Livro de pré-coisas*, *Livro sobre nada* e *Poemas rupestres*, onde são visíveis tais *personas* que se vestem de um sentimento demasiadamente humano, levando o leitor a pensar em sua própria existência, isto é, o estar no mundo na perspectiva do ser do tempo, conforme propõe Martin Heidegger (2006). Como pressupostos teóricos-metodológico, utilizar-se-á a proposta de leitura pelo viés de literatura comparada tomando como eixo central a intertextualidade absorvida na metáfora intertextual.

Palavras-chave: Mia Couto; Manoel de Barros; minorias; personagens; subalternidade.

Abstract:

This paper seeks to revisit the poetry of Manoel de Barros, the subject of a doctorate, but with the purpose of a comparative readin proposed by the research goup Africanities, literature and social minorities, whic aims to bring together the figures of social minorities constructe by the autodiegetic narrator, by the Mozambican Mia Couto (2009), and the wanderer who emerges in the figure of Bernardo da Mata, created by Manoel de Barros (1985-2004), based on Spivak's concept of subalternity (2010). The minority figures appear absorbed by the lyrical subject himself and by the poetic image of isolation and differences between black and white subjects and beggars, wanderers and other subjects that would clash with the minority context. When thinking about these lyrical-narrative characters, an effusion of existentialist poetics is defended, both in the discursive threads in the short story "O mendigo Sexta-Feira Jogo no Mundial" from the work O fio das missangas, and in the threads intertwined in several manoelino texts, by For example, in Livro de pre-things, Livro sobre nada and Poems rupestres, where such personas are visible, dressed in an all-too-human feeling, leading the reader to think about their own existence, that is, being in the world from the perspective of the being of time, as proposed by Martin Heidegger (2006). As theoretical-methodological assumptions, the reading proposal will be used from the perspective of comparative literature, taking as its central axis the

intertextuality absorbed in the intertextual metaphor.

Keywords: Mia Couto; Manoel de Barros; existentialism; characters.

Considerações iniciais

> É essa poesia que me sacode do pó no pesadelo
> A flor de náuseas que é a existência humana.
> A flor vermelha e patética do mendigo sublime...
> Aquele que passa e o mundo dormindo não vê.
> É essa a poesia camuflada e desprezível
> Que teus olhos não conseguem ler.
> Sou o poema do mendigo ajoelhado à tua porta
> O mendigo que implora por um pedaço de palavra.
> Sou o mendigo com o saco de poesia nas costas
> Aquele que agora mesmo passou por teu olhar:
> o olhar de lirismo catártico e deixaste partir.
> (Rosidelma Fraga, 2008).

"Pensar é estar doente dos olhos", bem traduziu Fernando Pessoa. Estar doente para um dos narradores de Mia Couto equivale a estar vivo. Trata-se de um estar no mundo frente à metáfora costurada pelos fios do abandono. Mais do que tudo isso: existir. Uma metafísica ligada ao ser e ao tempo na perspectiva de Martin Heidegger (2006). Neste texto, far-se-á uma leitura de um dos contos significativos de *O fio das missangas* de Mia Couto (2009) e de alguns poemas de Manoel de Barros, sob a ótica de literatura comparada, pensando-se nas considerações de uma poética espacial e imagética proposta por Gaston Bachelard (1974) e uma aproximação de personagens minoritários criados pelo poeta Manoel de Barros e pelo moçambicano Mia Couto a partir de metáforas intertextuais. De um lado, Bernardo, o andarilho, alter-ego de Manoel de Barros; de outro lado, o mendigo, do narrador miacoutiano em que, pelo viés da literatura comparada, o leitor poderá refletir sobre o silenciamento dessas figuras de minorias sociais e suas representações invisibilizadas pela margem social.

Concernente ao tratamento de literatura comparada, este artigo é norteado pela ideia de recorrência temática, em que os temas do esquecimento e abandono são tomados como desdobramento de sentido que se realiza pela exploração da metáfora intertextual. Sob esse prisma, ampara-se em Leila Perrone-Moisés (1990), que ajuda a pensar no método de literatura comparada. Em seu ensaio "Literatura Comparada, intertexto e antropofagia", de *Flores da escrivaninha,* a autora diz:

> Qualquer estudo que incida sobre as relações entre duas ou mais literaturas nacionais pertence ao âmbito da literatura comparada. Essas relações podem ser estudadas sob vários enfoques: relações entre obra e obra; entre autor e autor; entre movimento e movimento; análise da fortuna crítica ou da fortuna de tradução de um autor em outro país que não o seu; estudo de um tema ou de uma personagem em várias

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

literaturas. (Perrone-Moisés, 1990, p. 91).

Tomando como base tal enfoque de literatura comparada, a escolha para essa produção analítica se deu pelo método de investigação de temas e obras de literaturas em Língua Portuguesa: brasileira e moçambicana. O tratamento de comparação conferido neste trabalho volta-se para a seguinte questão: como a intertextualidade temática é processada nos textos? Para comparar as figuras do mendigo e andarilho e responder a tal pergunta, selecionaram-se de Manoel de Barros poemas das obras Livro de pré-coisas (1985), Livro sobre nada (1996) e Poemas rupestres (2004); de Mia Couto, adota-se o conto "O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial", da obra O fio das missangas.

1 Convergência e tessituras nas figuras minoritárias de Manoel de Barros e Mia Couto

A rigor, a convergência e tessitura dos fios da narrativa de Mia Couto e da poesia de Manoel de Barros revelam, ao leitor doente dos olhos, que as figuras criadas pelos dois autores simbolizam as almas condenadas a não-existência, ao esquecimento, ao abandono e aos fragmentos da desigualdade que é a vida humana.

Em Mia Couto, o ser humano é equiparado ao Bernardo da Mata de Manoel de Barros, aquele bandarra velho que, ao longo do tempo, envelhece e vira árvore. Apesar de ter o codinome do neologismo Andaleço "anda" (de andarilho) e "leço" (de endereço), é sem endereço, sem teto, sem família e sem parentesco, assim como o mendigo de Mia Couto nas calçadas de moçambicanas, mais precisamente, no lugar de passeio (hospital) e o espaço de diversão e sonho (Dubai Shoping). Muitas vezes o sujeito andarilho se mistura ao eu poemático em Manoel de Barros:

> Eu já disse quem sou ele.
> **Meu desnome é Andaleço**.
> Andando devagar eu atraso o final do dia. Caminho por beiras de rios conchosos.
> Para as crianças da estrada eu sou o **Homem do Saco**. **Carrego latas furadas, pregos, papéis usados. (Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)**
> [...]
> Sou um sujeito remoto.
> Aromas de jacintos me infinitam. E **estes ermos me somam**.
> (Barros, 1990, p.85, sem negritos no original).

A figura do outro é desconstruída pelo desnome do Andaleço como uma marca da não-existência. Um ser que assusta aos outros e recebe codinomes lendários (Homem do Saco). Ele transforma-se, no limiar do desconstrucionismo manoelino, em imagem poética e significativa para o eu-lírico, ao dizer "sou um sujeito remoto/Aromas de jacintos me infinitam/E estes ermos me somam". A marca de um "eu", no verso "Sou um sujeito remoto", soma-se ao outro sujeito do segundo verso: "Aromas de jacintos me infinitam". O sujeito lírico, ao ser somado com os "ermos"

e "jacintos", passa a exercer uma dupla função: o eu transeunte que é outro. O poeta usa essa soma já explorada pelo seu mestre alquímico Rimbaud, que também escreveu: "pensa-se em mim/eu é um outro".

Na lírica manoelina, o leitor vai bebendo a imagem da figura do passante no lixo, nas escórias, no nada ou à beira de rios conchosos; já na imagem do conto de Mia Couto, a figura do mendigo vai sendo apresentada pelo próprio narrador personagem. Neste sentido, torna-se possível juntar os fios das leituras intertextuais. Vê-se que o andarilho de Manoel de Barros chama a atenção do leitor que é mais que um mero leitor: é um observador com sentimento demasiado humano. Tanto no texto de Mia Couto como nos poemas de Manoel de Barros, a figura excêntrica toma lugar e contamina o leitor numa imagem catártica. Na visão de khatarsis aristotélica, o leitor revive os dramas de uma tragédia humana frente ao infortúnio destino que move todos esses seres ao se igualarem na metáfora crítica do abandono e do descaso social.

Com o objetivo de unir cada fio discursivo das missangas dialógicas, pode- se fazer uma retrospectiva de fluxo de consciência e, através da memória discursiva do foco narrativo e do leitor, perceber que temos, de um lado, o personagem de Mia Couto:

> [...] sou eu que invento minhas doenças. Mas **eu, velho e sozinho**, **o que posso fazer? Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo**. É por isso que frequento o hospital, vezes e vezes, a exibir minhas maleitas. Só nesses momentos, doutor, eu sou atendido. Mal atendido, quase sempre. Mas nessa infinita fila de espera, me vem a ilusão de me vizinhar do mundo. Os doentes são a minha família, o hospital é o meu tecto e o senhor é o meu pai, pai de todos os meus pais. (Couto, 2009, p. 81, sem negritos no original).

Sob o prisma do narrador autodiegético, percebe-se a genuína imagem de um personagem que mantém a reflexão existencial e tal pensamento absorve o seu drama interior, numa efusão lírica que, aos poucos, se costura pelo fio da vida desumana. Trata-se de um narrar autêntico das mazelas sociais, da miséria e do abandono, retratados pela visão de um mendigo elevado no jogo Mundial de Futebol durante o processo de devaneio, delírio e imaginação:

> [...] Pois eu, de nome posto de Sexta-Feira, me apresento hoje com séria e verídica queixa. Venho para aqui todo desclaviculado, uma pancada quase me desombrou. Desde há um tempo, ando a espreitar na montra do Dubai Shoping, ali na esquina da Avenida Direita. Sento- me no passeio, tenho meu lugar cativo lá. **Junto comigo se sentaram esses mendigos que todas sexta-feiras invadem a cidade à cata de esmola dos mulçumanos**. Lembra? Foi assim que ganhei meu nome de dia da semana, Veja bem: **eu que sempre fui inútil, acabei adquirindo nome de dia útil**. (Couto, 2009, p. 82-83, sem negritos no original).

A voz do mendigo inútil ecoa em forma denunciadora na Avenida do Dubai Shoping e o espaço imaginário construído por ele se junta a outros mendigos nas calçadas. Essa mesma imagem

do ser inútil/útil reside no sujeito lírico manoelino, ao expor a figura do andarilho, do coxo e de Bernardo da Mata. O nada passa a ser tudo. Os dois autores convergem-se numa lírica existencial no que tange à demarcação do indivíduo fragmentado que perde sua unidade interior.

Ao abrir uma nota explicativa do poema "andarilho" em Livro sobre nada, observa-se essa preocupação do sujeito lírico manoelino com a figura do andarilho:

> **Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos**. **Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos**, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. **Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo**. Antes de se unir às vergônteas como parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. **Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios**. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar. (Barros, 1996, p. 11, sem negritos no original).

EUma observação não-minuciosa desse andarilho manoelino leva o leitor intertextual ao delírio do mendigo do conto de Mia Couto. Com efeito, nos discursos de Mia Couto e Manoel de Barros habitam a veia imagética do espaço significativo que não é somente o lugar e a página do livro. O leitor percebe que há outro espaço poético: a lírica do olhar que poderíamos chamar de visão tátil da alma humana. Ora, uma visão da alma humana como se lê em Gaston Bachelard (1974):

> No reino das imagens não poderia haver contradição, e as almas igualmente sensíveis podem sensibilizar a dialética do centro de do horizonte de uma forma diferente [pois] é um dos encantos da fenomenologia da imaginação poética poder viver um matiz novo diante de um espetáculo [...]; o fenomenológico está certo de captar uma partida da imagem. (Bachelard, 1974, p. 487-488).

Com base nessa visão, pode-se elucidar que as figuras do mendigo e do andarilho de Couto e Barros vivenciam o momento cênico, onde a representação da realidade surge como *mimesis*. A cena lírica e densa projeta-se diante do leitor que se transforma em imagem. Esse, por excelência, mantém sua atenção fiel a cada luz focalizada pela plasticidade da câmera-palavra.

Cumpre asseverar que a poética do espaço no conto de Mia Couto e nos poemas de Manoel de Barros faz com que o leitor se veja no espelho da própria vida e de outras vidas. Estamos diante do outro, do indivíduo marginalizado e sozinho, mas ao ser rejeitado, ser inútil torna-se notado pelo mundo e por isso leva à reflexão do estar no mundo na perspectiva de todos os tempos. Uma única maneira de serem vistos para tais personagens é demarcar o sofrimento humano através desse tempo marcado pela velhice.

No poema "Teologia do traste", por exemplo, tem-se a imagem do ser em petição de lata, de

verme, de escórias, mas se trata de um ser concreto e existencial, preferido pelo sujeito lírico:

> **As coisas jogadas fora por motivo de traste São alvo da minha estima**
> Prediletamente latas.
> Latas são pessoas léxicas pobres porém concretas.
> **Se você jogar na terra uma lata por motivo de**
> **Traste: mendigos, cozinheiras ou poetas podem pegar**. [...]
> Eu queria que os trastes iluminassem. Que os trastes iluminassem.
> (Barros, 2004, p. 47, sem negritos no original).

Neste excerto teológico de *Poemas rupestres*, o sujeito lírico manoelino demonstra sua preferência pelos detritos, o nada, o inútil que se tornam significativos porque são mais excelentes que as ideias abstratas. O mendigo, assim como o traste e o lixo são concretos e servem para a poesia, talvez pela simples ideia de chocar, desagradar e vangloriar-se do leitor, conforme escreve Hugo Friedrich (1991) em sua *Estrutura da lírica moderna* sobre o poema que conduz ao assalto inesperado. Ao citar Baudelaire, o autor escreve que, "do prazer aristocrático de desagradar, a poesia vangloria-se de irritar o leitor" (Friedrich, 1991, p. 44).

Somente com o olhar doente, o leitor consegue absorver a imagem da *poiesis* existencialista em Manoel de Barros. A imagem surge como luz dos poetas que escrevem por imagens e por eflúvios. Não há poesia sem imagens (Chklovsky, 1973), portanto, em Manoel de Barros: "imagem são palavras que nos faltaram. Poesia é entrar no ser".

Ler textos da obra *Retrato do artista quando coisa* de Manoel de Barros pode ser uma demonstração metapoética da utilidade das descoisas, do nada, dos mendigos, dos insetos e outros seres elevados em matéria de poesia de ancestralidades. Veja-se, a propósito, o seguinte trecho poético:

> **O ser que na sociedade é chutado como uma barata –** cresce de importância para o meu olho.
> Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo.
> Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas.
> **Fui criado no mato e aprendi a gostar das**
> **coisinhas do chão** (Barros, 2004, p.27, sem grifos no original).

Diante da assertiva poética do sujeito manoelino, dir-se-ia que no olhar doente da sociedade, todos os seres refugados pelo mundo tornam-se nascem como almas relevantes e sublimes para os olhos iluminados do poeta. Essa elevação reside no aspecto visual ou plástico do poema. O sujeito lírico utiliza o que é considerado grotesco para a poesia e prova que o sublime permanece no sujo, no oco e nas próprias escórias do ser. As coisas miúdas, insignificantes, sem importância alguma, inclusive o andarilho e o mendigo catando detritos se elevam na matéria da imagem poética para Manoel de Barros, como também podemos visualizar no lirismo de Manuel Bandeira no poema "o Bicho", na figura do bicho-homem, ou homem-bicho:

Revista Letras Escreve Macapá, AP v. 17 – n. 2 ISSN 2238-8060 - **DOSSIÊ TEMÁTICO - ARTIGO**

> **Vi ontem um bicho**
> Na imundície do pátio
> **Catando comida entre os detritos.**
>
> Quando achava alguma coisa, Não examinava nem cheirava:
> Engolia com voracidade.
>
> O bicho não era um cão, Não era um gato,
> Não era um rato.
>
> **O bicho**, meu Deus, **era um homem**.
> (Bandeira, 1993, p. 201, sem negritos no original).

A imagem rejeitada do mendigo de Mia Couto e do andarilho de Manoel de Barros também se junta ao poema de Bandeira com algumas alterações de sentido, mas todos advindos de um cenário de miséria, de abandono que provoca a *catarse* no leitor porque na perspectiva da imagem, tem-se uma lírica em forma de drama humano. Uma poesia existencial que faz do ser um retrato vivo, num espaço social, onde viver se torna muito perigoso diante da tragédia brasileira e moçambicana.

Efetivamente, elucida-se que há em comum na poesia existencial, o chão. Este, por excelência, é o espaço poético. É a imagem do sujeito em fragmentos e o retrato falado da miserável condição humana, isto é, a única forma de estar no mundo, de existir ou de estar vivo. A dor é um sentimento universal e deve ser escolhida pelos grandes escritores, conforme Tomachevski (1973) em sua *Temática*; uma dor que é levada ao extremo em Mia Couto, um derramamento verbal e emotivo, como também se lê no poema de Manuel Bandeira acima.

No caso de Manoel de Barros, a figura e os nadifúndios se confundem com o próprio eu-lírico em sua unidade de indivíduo como, por exemplo, ao falar de sua biografia em *Gramática expositiva do chão*, o poeta revela:

> [...] o que eu descubro ao fim da minha 'Estética da Ordinariedade' é que **eu gostaria de redimir as pobres coisas do chão**. Parece-me que **olhando pelos cacos, pelos destroços e pela escória, eu estaria tentando juntar fragmentos de mim, espalhados por aí** – Estaria me dando a unidade perdida. E que obtendo a redenção das pobres coisas eu estaria obtendo a minha redenção. (Barros, 1990, p. 328, sem negritos no original).

O poeta tem preferência pelo desconhecido, o inaudito, o rejeitado, o inabitado e por certas palavras (árvores, sapo, lesma, musgo, boca, rã, água, pedra, caracol e parede)[2] na busca por "*lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes*" e, sobretudo, encontrar seu momento epifânico na consagração de um instante metafísico.

Quanto a Mia Couto, pode-se asseverar que ao longo das páginas luzentes do conto "O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial", o leitor toma ciência do sentimento universal: a dor. Diante da cena vivida pelo mendigo, o narrador descortina a agonia imaginária (ficcional) e a dor

real. Com essa imagem, o texto de Mia Couto convida o leitor a penetrar na reflexão de sua própria imagem, lembrando que o sofrimento, o abandono, o amor, o ódio, a fúria, a inveja e a tragédia são sentimentos demasiadamente humanos, como interioriza o personagem abaixo:

> [...] **sou atacado de um sentimento muito ulceroso enquanto os meus olhos apanham boleia para a Coreia do Sul**. O que me inveja não são esses jovens, esses fintabolistas, todos cheios de vigor. **O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo**. **Um mundo cheio de dores verdadeiras pára perante a dor falsa de um futebolista**. **As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender**, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino? (Couto, 2009, p. 82, sem negritos no original).

Literal e metaforicamente humana é a dor explícita por um realismo sem pregas, na voz do mendigo que chega a tocar nos olhos do leitor. Durante esse instante metafísico, o mendigo descreve seu sentimento humano e real, ao sentir-se esmagado pela falta de olhar dos homens e manifesta seu desejo de ser observado pelo outro numa visão icariana *versus* narcisista. Em outras palavras, a dor, o grito do mendigo e o sangue servem apenas como uma estratégia de "pano de fundo" narcisista para que o homem não-icariano, aquele que não se preocupa com o sofrimento do outro, passe a sentir o sentimento de *éleos* e *phobos* (*Khatarsis* aristotélica).

O sentimento da inveja assume o imaginário no consciente da personagem na medida em que se vê no espelho cruel da vida e consegue sonhar com um dia de atenção dos homens. Este instante lírico é incomensurável para o leitor, justamente no momento em que o mendigo (narrador) se junta a outros mendigos que reservam o seu lugar na calçada para assistir ao jogo pela televisão no Dubal Shoping:

> **Quem disse que a televisão não fabrica as actuais magias**? O que eu vi num adocicar de visão foi isto, sem mais nem menos: **eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial** [...]. Por trás, os aplausos da multidão. De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um cartão amarelo, brada o doutor. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida. **Afinal, o vermelho é do cartão ou será o meu próprio sangue?** [...] Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam. (Couto, 2009, p. 84, sem negritos no original).

Apesar da imagem do sonho e do devaneio do mendigo, as últimas páginas do conto de Mia Couto revelam a denúncia social e o desprezo aos seres humanos. Como se não bastassem o abandono e a rejeição, surge o momento extremo do agressor. A agressão simboliza a própria vida sendo apagada por falta de igualdade social. Temos neste trecho a *éleos* (piedade) que se junta ao

trágico, provocando o ápice do sentimento humano, ocasionado pela dor, revolta e injustiças, pairando o incomensurável pensamento de que viver se torna muito mais que perigoso. Viver não é preciso.

É incrível notar o sentimento humano que envolve também o personagem Bernardo da Mata no poema "No tempo de andarilho" em que o ser se coloca acima do ter. Torna-se preciso Ser no tempo e no espaço do não ter. Ao contrário da inveja do mendigo no conto de Mia Couto, eis que "**o grande luxo de Bernardo é ser ninguém**. Por fora é um galalau (elevada estatura). Por dentro não arredou de criança. É ser que não conhece ter. Tanto que inveja não se acopla nele" (Barros, 1994, p. 247)[3].

Na verdade, "o andarilho é um anti-piqueteiro por vocação. Não tem nome nem relógio" como se o tempo que é a matéria e a própria metafísica se unissem nessas duas cadeias intertextuais de Mia Couto e Manoel de Barros.

O narrador de Mia Couto e o eu-lírico de Manoel de Barros enfocam a história do homem coletivo, que designa traços de uma vivência. São homens que carregam as marcas da velhice e transitam de um lado para outro. O andarilho manoelino, que "anda devagar" e caminha "por beiras de rios conchosos".[4] O certo é que ambas as figuras excêntricas guardam ou se guardam nos caminhos ou descaminhos das águas moçambicanas e mato-grossenses porque independente do espaço poético, seja à beira das águas pantaneiras, seja nas calçadas de Moçambique, "o mesmo rio corre águas agradecidas sobre lata e fazem "encurtamento de águas". (Barros, 1994, p. 275).

Tal preocupação com o sujeito fragmentado que aparece como a marca do outro, numa visão existencialista ou no sentido filosófico de *Ser e tempo,* de Martin Heidegger (2006), tendo em vista a elevação de seres marginalizados pela sociedade, tais como loucos, bêbados, poetas, mendigos, o Mário Pega-Sapo, o Bernardo que virou árvore e os seus "nadifúndios". Todos esses seres e escórias são aclamados na lírica manoelina, o que equivale dizer que a sua poesia possui resquícios da modernidade diante desse outro poetizado em sua obra. Bernardo da Mata, ou o próprio poeta (A*pud* Filho, 1990, p. 322), "é um bandarra velho, andejo, fazedor de amanhecer e benzedor de águas".

Conforme Barros, o andarilho aduba os escuros do chão, conversa pelo olho e escuta pelas pernas como os grilos. Na figura de Bernardo da Mata, o ser humano constrói "objetos lúdicos, fivela de prender silêncios, aparelhos de ser inútil, beija-flor de rodas vermelhas...". Em contrapartida, é curioso notar que o andarilho é o próprio sujeito autobiográfico, ao afirmar que o melhor de si é Bernardo: "Não tenho idéia fixa. Tenho desejo de esmiuçar a alma de Bernardo, o meu Outro: o melhor de mim sou ele", (Barros, 2009, *Apud* Fraga, 2009, p. 150).

Conforme Barros, o andarilho aduba os escuros do chão, conversa pelo olho e escuta pelas pernas como os grilos. Na figura de Bernardo da Mata, o ser humano constrói "objetos lúdicos, fivela de prender silêncios, aparelhos de ser inútil, beija-flor de rodas vermelhas...". Em contrapartida, é curioso notar que o andarilho é o próprio sujeito autobiográfico, ao afirmar que o melhor de si é Bernardo: "Não tenho idéia fixa. Tenho desejo de esmiuçar a alma de Bernardo, o meu Outro: o

melhor de mim sou ele", (Barros, 2009, apud Fraga, 2009, p. 150).

Não diversamente do alumbramento poético bernardiano, o personagem Sexta-Feira do conto de Mia Couto delira ao sonhar com a tela, sendo o jogador que iria parar o universo com a sua dor, porém, esse delírio no final do conto instaura um leve tom de fantástico porque o leitor não sabe se a agressão e o sangue que dele explode é fruto do real ou do irreal, ou se de fato, tudo isso faz parte do sonho e devaneio ao entrar e sair do hospital.

Sob esse prisma, o narrador e o eu- lírico conseguem demonstrar que precisamos desaprender a dar valor às coisas significativas e reaprender a ler o olhar doente dos olhos porque "pensar é estar doente dos olhos", como descortina no olhar de trapos do andarilho, em silêncio, no poema "O olhar":

> Ele era um andarilho
> Ele tinha um olhar cheio de sol [...]
> Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos O silêncio honrava a sua vida.
> (Barros, 2004, p. 75).

As afinidades entre Mia Couto e Manoel de Barros podem ser vistas por outros ângulos. Os dois criam a figura de um contador de histórias que vai descrevendo e demarcando os elementos naturais e avançam para o primitivo, para a existência do ser humano rejeitado pelo mundo.

Conclusão

À guisa de conclusão comparativo e discursiva, dir-se-ia que o mendigo e o andarilho se aproximam diante da *poiesis* do olhar existencial. É preciso ler no olhar desses seres esdrúxulos, a inutilidade das coisas e, sobretudo, ver que o desvendamento do mistério pode estar na metafísica do nada. O nada que é tudo, conforme Fernando Pessoa. Temos em Mia Couto e Manoel de Barros uma prosa e poesia dita sublime e profunda que paira na conclusão silenciosa do verso "*poesia é voar fora da asa*" porque viver é mais que preciso. Cumpre costurar os fios discursivos este trabalho, citando o texto de Nietzsche, *O viajante e sua sombra*, aforismo 189, citado pelo Sociólogo José Carlos Bruni (2002, p.11), no qual proporciona outra reflexão sobre os vários andarilhos humanos, transformados em árvore, pois a humanidade pode ser comparada "a uma grande árvore que dá bons frutos se for bem cuidada e tratada. E por mais que os homens ainda sejam governados por instintos cegos, sempre haverá indivíduos que, de alguma maneira, alcançam a sabedoria". Por fim, "nossa tarefa grandiosa consiste em preparar a terra para receber uma planta da maior e mais formosa fecundidade – uma tarefa da razão para a razão" (Bruni, 2002, p.12).

Por conseguinte, o grande ensinamento que o conto de Mia Couto e os poemas de Manoel de Barros passa ao leitor, dentre outros, é esse olhar metafísico que os homens, ao serem adoecidos pela contaminação da cegueira, não conseguem ver o sentimento humano que escorre na desigualdade social, ocasionada pela miséria e pelo abandono chegando a se configurarem como sujeitos à

margem, subalternos, sem voz e sem lugar de pertencimento como aprendemos em Spivak em sua obra *Pode o subalterno falar?*.

Referências

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. 7. ed. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1987.

BACHELARD, G. **A poética do espaço** Trad. Antônio de Pádua Panesi. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

BANDEIRA, M. "O bicho". In: GARBUGLIO, J.C. **Poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: Ática, 1999.

BARROS, M. **Livro de pré-coisas**: roteiro para uma excursão poética no Pantanal. Rio de Janeiro: Record, 1985.

BARROS, M. **O guardador de águas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

BARROS, M. **Gramática expositiva do chão**: poesia quase toda 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, M. **Poemas rupestres**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BORGES, J.; TURIBA, L. Pedras aprendem silêncio nele. In: BARROS, M. de. **Gramática expositiva do chão**: poesia quase toda. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p. 323-343.

BRUNI, José Carlos. O Tempo da cultura em Nietzsche. In: **Revista Ciência e Cultura**. Vol. 54. Nº 2. São Paulo, 2002. ISSN 0009-6725.

CHKLOVSKY, V. et al. A arte como procedimento. In:. **Teoria da Literatura**: formalistas russos. Trad. Ana Maria R. Filiposki et al. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 39-56.

COUTO, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FILHO, G. Uma palavra amanhece entre aves. In: BARROS, M. de. **Gramática expositiva do chão**: poesia quase toda. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p. 317-323.

FRAGA, R. Entrevista com o fazedor de amanhecer. In: **Convergências e tessituras de pedras, rios, ilhas e ventos**: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós - graduação em Letras e Linguística. Caderno de Teses e Dissertações. Universidade Federal de Goiás, 2009. 164p.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**. Trad. Marise Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PERRONE-MOISÉS, L. **Flores da escrivaninha**: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TOMACHEVSKY, B. **Temática**. et al. **Teoria da Literatura**: formalistas russos. Trad. Ana Maria R. Filiposki et al. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 58-75.